

FALOCAMPSE



o falo

TRANS

por Bruno Novadvorski e Chris, The Red

Quando pensamos em falo, imediatamente, a cultura binária que a sociedade impõe, nos faz associar à parte anatômica do corpo biológico masculino. É preciso quebrar esta limitação e estes conceitos pré-definidos, pois, quando o assunto é a identidade humana, ela nunca é 8 ou 80. O falo vai muito além do pênis.

Para falar sobre este assunto com mais propriedade, o **DUOCU** – formado pelos artistas e colaboradores Bruno Novadvorski & Chris, The Red – entrevistou mulheres e homens trans de São Paulo e Porto Alegre. Com a palavra...



Dalia Gil

27 anos, carioca, mora em São Paulo há 5 anos. Começou sua transição há seis anos e com 21 anos começou o Tratamento Hormonal (TH).



Trans e Cis

Dentro da identidade trans, tem um monte de identidade não-padrão. Assim, costumamos usar a letra T para identificar qualquer pessoa não-padrão, que foge do binário de gênero.

Basicamente, uma mulher trans – esta pessoa que foi designada dentro do gênero que nossa sociedade determinou como masculino e isto foi imposto a ela no nascimento por fatores biológicos –, em algum momento, percebeu que não era isto que a representava. Não é este espaço que ela ocupa e não a contempla como ser humano. Assim, ela vai experimentando, entendendo a si e sobre questões de identidade de gênero de uma forma geral. Em determinado momento, ela percebe que o papel dela neste mundo e o que a faz sentir confortável consigo mesma e com o lugar que ela ocupa é feminino. Uma mulher trans é isto. O homem trans é a mesma coisa só que o contrário. E pessoas que vivem confortavelmente sobre o gênero que lhes foi designado quando nasceu são o que chamamos pessoas cisgênero.

Neste mundo T, como estão as mulheres trans e as* travestis?

Na minha visão, não existe diferença entre mulher trans e travesti. O que existe é uma diferença sócio-econômica e cultural. O que me separa da moça que está na rua às 4h da manhã com um fio dental enfiado no cu para ganhar 50 reais em um programa é simplesmente um conjunto de fatores que a levaram até lá e os que me levaram até aqui. Se condicionou muito que mulher trans é a bonita, que tem emprego, muito feminina, educada; e a travesti é grandona, com a bunda cheia de silicone industrial, fazendo programa na rua. Mas é preciso entender que é muito cruel separar as pessoas por estes parâmetros. Por muito pouco e por muitas vezes, eu não fui parar lá. E, por várias vezes, refiro a mim mesma como travesti. Hoje, existe um movimento muito forte das pessoas T buscando ressignificar os termos, assim como a militância

* Ponto importante:

É sempre **A** Travesti.

Não existe **O** travesti.

A Travesti é uma expressão de gênero feminina.

É sempre no feminino.

negra fez com o termo “preto”. Pegar estes termos e transformá-los em poder, em algo que nos diferencia. Sou uma mulher, um puta mulherão, mas eu tenho as minhas especificidades. Eu tenho os meus recortes como mulher trans e o termo travesti me ajudou a exaltar mais ainda estes recortes e me sentir mais poderosa. É tomar as coisas para si. Isto aqui agora é meu. Não vou deixar mais o outro usar isto como algo para me oprimir ou me diminuir.

E o Falo? Como é este Falo Trans?

É uma questão complicada e até polêmica para muita gente, inclusive para mim, mesmo lidando muito bem com meu pênis. Na balada, vou com amigas cis ao banheiro, de ficar pelada uma na frente da outra. Mas é um processo. Esta relação com meu pênis foi construída aos poucos até chegar neste ponto de conforto.

Uma vez ouvi uma mulher trans dizer uma coisa que me marcou muito, para sempre. Até muito recentemente, existia um discurso de que “háviamos nascidas no corpo errado e que devia ser muito ruim nascer assim”. Na realidade, o discurso ainda existe, mas não é verdadeiro, pois eu não nasci no corpo errado. Estou de boa com o meu corpo. Ele é o certo e estou adaptando-o naquilo que mais me dá conforto. Você nasce no corpo que é para ser e vai fazendo modificações, observando as proporções necessárias à própria saúde, à forma como se expressa. Existem várias formas de se fazer isto. Por exemplo, quem faz tatuagem está querendo expressar alguma coisa. Quando faço meu TH,



estou moldando meu corpo para expressar a identidade de gênero que me negam como mulher.

Esta é a parte mais difícil para as pessoas entenderem. Fomos nós que definimos que isto é homem, isto é mulher, isto é um pênis e isto é uma vagina. Foram criados padrões arbitrários para tentar encaixar todo mundo e tudo foi construído em cima disso. Hoje as pessoas se comportam com se estas definições tivessem vindo assim, com estes conceitos, estes nomes, mas não vieram: nós as construímos. Assim, entendo que existem diferentes corpos, genitálias e expressões de gênero. Chegamos a um ponto da evolução da humanidade e de complexidade da expressão individual em que esta divisão binária não tem mais espaço. Precisa ser ressignificada, porque cada vez mais existem outras expressões de gênero, muitos sexos e sexualidades. No fim das contas, se pararmos para pensar, nem faz tanta diferença: a gente é que se condicionou a dar muita importância para uma coisa que é uma besteira.

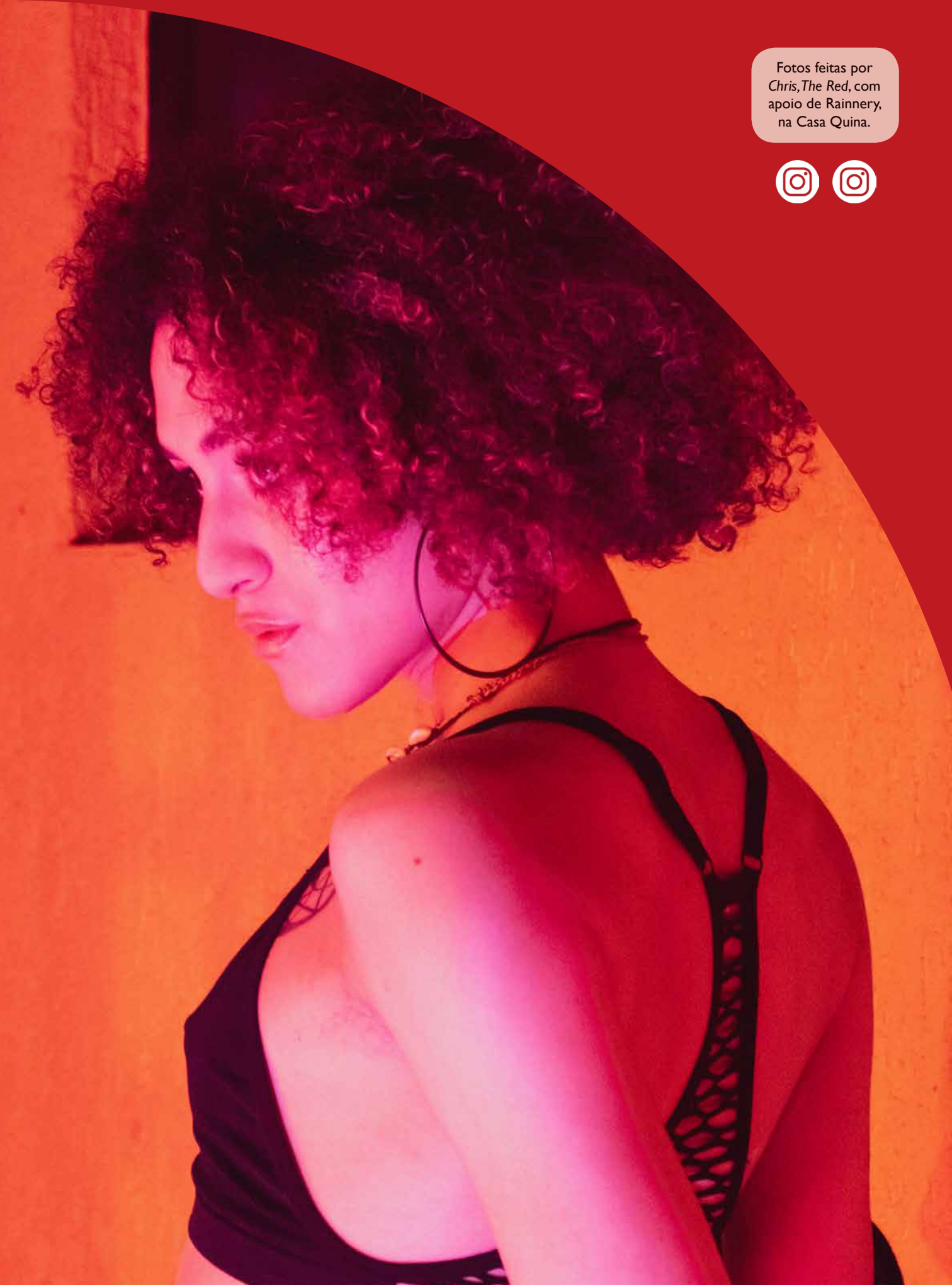
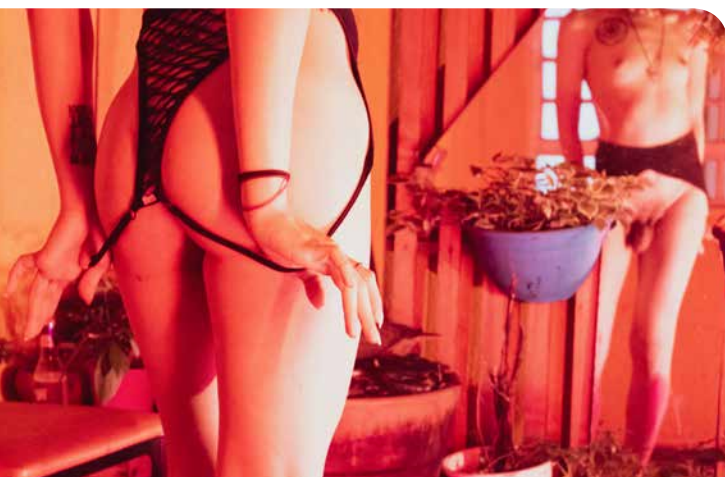
Acho que as pessoas tendem a cair num erro muito comum que é o de usar as diferenças para segregar

e o caminho não é esse. A valorização das diferenças é muito importante. Entender que somos diferentes e únicos é primordial. Isto não serve para me separar de você. Eu entender você, a sua expressão de gênero e sua sexualidade e vice-versa deve servir para nos aproximar como seres humanos. Porém, muita gente ainda não faz isto, que usa as diferenças para separar e não para agregar. Gosto que as pessoas valorizem o meu recorte social como mulher trans, pois tenho muito orgulho. Eu ralo o cu no asfalto para ser esta mulher e para construí-la, pois eu a fiz do nada. Isto deve aproximar as pessoas. É por isto que eu luto.

Voltando ao Falo

Eu nunca tive um grande problema com meu pênis e esta relação se estabeleceu no momento que eu comecei a ver garotas como eu desesperadas, morrendo, colocando a própria saúde em risco, querendo se cortar inteira, injetar um monte de produto industrial, a se prestar a todo tipo de absurdo. Eu não queria ser esta pessoa.

Às vezes, claro, penso que se seria legar ter uma vagina, que talvez um dia eu passe por este processo que a gente chama de transgenitalização. No entanto, criei uma relação boa com meu pênis. É um trabalho difícil, precisa ter uma cabeça muito boa, mas não é impossível. Reconheço que existem casos muito extremos, que existem mulheres trans que não conseguem existir daquela forma, com aquela configuração. Tudo bem. Mas também ouvimos casos de mulheres que se arrependeram do processo. Ou ainda de mulheres que transgenitalizaram e não conseguiram mais ter um orgasmo porque não fizeram para si, para se sentir bem consigo, mas porque a sociedade fala que pra ser “mulher de verdade” precisa fazer o processo e ter uma vagina. Quando entendi que não precisava fazer isto comigo, agir desta forma desesperada para me sentir uma mulher – porque a minha segurança como mulher não vai vir disto –, comecei a conseguir ficar de boa com meu corpo e o meu falo. **8=D**





Fernanda Kawani

Custódio

29 anos, mulher trans, travesti, atriz, empreendedora. Ao lado de Guttervil, seu sócio, criou a *Transludica*, primeira loja colaborativa de pessoas trans. Recentemente, fez sociedade com Camila Farani, que possibilitou a expansão da loja para um espaço cultural e de acolhimento de pessoas trans. Fez vários espetáculos teatrais pela Companhia de Teatro Os Satyros. Atualmente, faz parte do MONART – Movimento Nacional de Artistas Trans, encabeçado pela atriz Renata Carvalho, junto a outras artistas trans do Brasil.



Trans e Cis

A palavra *trans* surgiu primeiramente no CID* e estava relacionada a distúrbios mentais. Então, a transexualidade era um transtorno de identidade de gênero. Ao mesmo tempo que denominava quem somos, provocava um afastamento das pessoas que não eram trans. Assim, nós mesmos decidimos criar a palavra *cisgênero*, justamente para a pessoa não falar: “Ela é trans e eu sou normal”. Hoje, a palavra *cisgênero* é um termo médico para denominar as pessoas que se entendem no seu próprio gênero biológico. Por consequência, ressignificando a palavra *trans*.

Transvestigeneris

Primeiramente, é importante salientar que não existe diferença entre mulher trans e travesti. A palavra *travesti* é latino-americana, nascida aqui e inspirada no termo francês *travestite*. A palavra *trans* é mais higienizada, eurocentrada, criada na Alemanha, enquanto *travesti* é nossa e por isto eu a ressignifico. Há um erro muito grande quando as pessoas falam que a travesti é a que se prostitui e é marginal enquanto a pessoa trans é bonitinha e precisar ser aceita porque tem um problema mental por não se entender no seu gênero. Nada disso é correto. É a mesma palavra. Baseado nisso, a deputada Erika Hilton (deputada estadual transexual eleita em São Paulo) juntamente com a Indianara Siqueira (militante do PSOL) criaram uma palavra nova: *Transvestigeneris* para contemplar ainda mais toda a comunidade (pessoa trans, a travesti e as pessoas de gênero).

* CID: Classificação Internacional de Doenças, da Organização Mundial da Saúde (OMS).

** Crossdresser: homem que se entende como homem e gosta de se vestir como mulher (fantasia/fetiche)

A Fernanda

Comecei a me perceber como mulher desde cedo. Sou de São Caetano, mas cresci no interior, em Araraquara e não tinha referência de travestis na minha cidade. Só de homens que se vestiam de mulheres (*Crossdresser/CD***). Esta foi minha primeira referência e eu me entendia assim. No entanto, a partir do momento que percebi que o CD entrava na persona de mulher e depois voltava para o homem, não era isto que eu queria, pois eu queria ser sempre mulher. Então, veio meu primeiro contato com as travestis da prostituição (que é o primeiro lugar que a gente as vê) e no programa do Silvio Santos. E ao ter este contato, percebi que era assim o que desejava ser. Eu tinha uns 14 anos. Comecei a desfilar em concursos de miss. Participei do Miss Gay América. Cheguei a ganhar vários concursos. Com 21 anos, passei a me entender como mulher trans e decidi fazer a transição, começar com a Terapia Hormonal. Na realidade, eu sempre soube, mas foi quando resolvi assumir para a sociedade.

Hoje, já começamos a desconstruir o que é o padrão homem e mulher. No entanto, quando comecei meu processo, para ser vista como mulher trans ou travesti, tinha que ter peito, nariz, não podia ter pêlo e tinha que fazer terapia hormonal. Eram as regras. Ou seja, saíamos de uma caixinha para entrar em outras. Ainda estamos neste processo de desconstruir tudo isto, de que para ser mulher precisa ter tudo isto. Eu sou mulher mesmo com pêlo, voz grossa, inclusive, com roupas que não sejam designadas como roupas de mulher. Não preciso reproduzir um padrão cisgênero para eu ser mulher.

Quando era mais nova, eu me preocupava muito em me encaixar nestes padrões. Hoje, me preocupo é em pagar minhas contas, em divulgar minha loja e meus produtos. Lavo meu cabelo, coloco uma roupa e vou. Antigamente, era toda uma produção, pois achava que era uma forma de afirmar minha feminilidade. Agora, me afirmo da forma que sou.

* **AQUENDAR:** ato de esconder o pênis para trás, entre as pernas.

Falo, Disforia e Escolhas

É uma questão muito discutida até hoje por conta da disforia de gênero. Disforia é tudo aquilo no nosso corpo que não nos faz entender naquele gênero. E o pênis sempre foi um órgão dito como masculino. Então, aprendemos a repudiar o nosso falo. Durante muito tempo, muitas trans fizeram e fazem cirurgia por não se sentirem mulher. Eu já vivi um pouco desta disforia. Durante a fase da TH, ela se aguçou. Fiquei mal, pois a gente perde a ereção, o tesão. Foi quando decidi parar com a terapia. Queria ter minha vida de novo, me sentir sexualmente ativa, feliz. Nós somos um corpo sexual e, como diz o Paul Preciado, um corpo sem sexo é um corpo monstruoso. A pessoa se torna fria, insensível. Tive que colocar na mesa e fazer uma escolha. Já fiz tanta coisa, coloquei peito, nariz. Deixa o hormônio para lá. Mas o meu falo sempre teve uma participação importante, pois quando fazia programa era o que mais os homens procuravam. Então, já foi uma ferramenta de trabalho. Hoje, é meu genital. Convivo em tranquilidade com ele. Gosto dele. A disforia já não tem espaço como antes. Mas claro que muitas mulheres trans ainda têm questões a serem resolvidas com seus próprios falos, principalmente, por conta da sociedade que impõe que o falo como masculino, que mulher não pode ter falo, pois é vergonhoso. E que tem que aquendar*. Aliás, acho este termo horrível e que tinha que desaparecer. Todo mundo sabe que mulher trans/travesti tem pau. Não tem que ficar escondendo. Machuca e é desconfortável. Acredito que isto ainda vai ser um processo de evolução, no qual as pessoas irão perceber e aceitar que existem mulheres de pau e homens de buceta e assim, seremos um pouco mais livres e nos aceitarmos como somos. **8=D**

Fotos feitas por
Chris, The Red, na
Transludica.





Fantin

Num bate-papo descontraído pelo campus centro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, Fantin e Bruno foram trocando ideias sobre o dia-a-dia, as experiências, as relações com outros colegas, com os pais e sobre ser trans.

Design x IA

Não fiquei muito tempo no Instituto de Artes (IA) para saber. Devo ter ficado lá só meio semestre. Eu gostava muito mais de cerâmica do que da aula de modelagem que faço atualmente, por exemplo. No entanto, o design é mais direcionado para o que eu quero. Não tem desenho de observação como tínhamos no IA, mas estou gostando. Os professores são acessíveis e tenho um colega que estuda comigo que também é trans. Eles me respeitam. Já mudaram o meu nome na chamada, mesmo que ainda não tenha entrado com o processo para solicitar o registro social. Eles, por conta própria, fizeram a alteração. Isto é bom. Mas sabemos que não é consenso docente respeitar o nome social das pessoas trans.

Registro social

Não sei. Tenho adiado por conta da ansiedade, de ir no TudoFácil, descobrir que documentos preciso, com quem tenho que falar e, assim, vou deixando para outro dia. Tem um coletivo LGBT, tenho pensado em procurá-los para ver todas estas informações.

Na sala de aula

Acho que ter um outro colega trans em sala de aula me trouxe mais confiança para estar na universidade e na própria relação com os professores. Sabemos que um espaço como a sala de aula deveria ser democrático, mas a realidade é outra. Tem casos em que professores estão sendo denunciados por uma série de questões como assédio e transfobia.

Coletivo trans

Na verdade, temos pensado na ideia de criar um coletivo trans. Estava trocando ideias com o pessoal do Grupo de Homens Trans. Ter um coletivo na universidade é importante neste sentido de evitar o preconceito. Atualmente, acredito que tenha em torno de oito homens trans na UFRGS.

Transmasculino Não-Binário

No geral, eu uso o termo transmasculino para me identificar, mas depende muito do ambiente. Se estou numa reunião só com homens trans, geralmente, me mostro como não-binário, para ter um contraponto. Ainda existe muita masculinidade tóxica entre os homens trans, uma vez que são essas as nossas referências. Antes mesmo de começar a fazer parte de grupos trans, as amizades e os livros vinham dos grupos feministas que eu participava. Por exemplo, os livros da Marcia Tiburi me fizeram gostar novamente do feminismo. Na época, eu era um homem trans mais solitário e entrei em contato com muitas feministas extremamente radicais, o que me causou uma raiva do movimento. A Tiburi me reconectou com o feminismo em outras formas, como o feminismo interseccional. Também conheci a obra da Djamila Ribeiro.

Entender-se como homem trans

Reconhecer-me como um homem trans foi bem definitivo. Surgiu quando conheci homens trans e percebi que eles existiam. Até então, não acreditava na existência de outras possibilidades de gênero. Foi no ato de ter consciência da existência que me reconheci como uma pessoa que se diferenciava das demais na sociedade. A partir do momento que entendi, foi determinante no meu autoconhecimento.

Foto do projeto *Retratos Latentes*, com pessoas LGBT da grande Porto Alegre, feita pelo sociólogo e fotógrafo Prof. Dr. Rodrigo Otavio Moretti. (Acervo pessoal Fantin)

Fotos feitas por Bruno Novadvorski.

Ser trans na família

Foi ano passado que me abri para minha família, mas sinto que há um fingimento, uma máscara de não preconceito. Na realidade, é mais uma forma de se sair bem na fita do que uma aceitação propriamente dita. Por exemplo, meu pai respeita meu pronome, o nome que escolhi, mas é mais para ele dizer que me respeita, poder dizer que ele é esta pessoa super desenvolvida, do que realmente uma pessoa não preconceituosa.

Já meu irmão foi de boa. O resto da minha família foi tranquila. Minha vó mesmo afirmou que me chamaria do que eu quisesse. E agora, ela fica me chamando de Joãozinho (risos).

O pronome

O ideal seria existir um pronome neutro. Não acho que o “x” atenda, sem falar na própria questão da dificuldade fonética. O ideal seria alterar o português para se adaptar às novas realidades. Afinal, muito da língua muda de acordo com o que a gente fala.

Trabalho, Emprego & Sociedade

*Acho que fiquei muito tempo na minha bolha, na área do design, onde muitos são da comunidade LGBT. Então, até o momento, não senti muito a pressão da sociedade no que se refere a minha transexualidade no campo do trabalho. Mas sei que a transfobia existe. Não posso julgar a verdade baseada somente na minha vivência. A pressão é real e talvez seja saber isso que me dá a ansiedade de não conseguir entrar no TudoFácil e mudar meus documentos. **8=D***



Caio Jade

27 anos, performer, formado em filosofia, trabalha em um sebo incrível na Zona Sul de São Paulo desde os 19 anos, um espaço muito importante para ele, onde viveu muitas coisas. A primeira vez que cortou o cabelão foi lá, graças ao dono do sebo que incentivou e pagou o corte dele. Foi um marco.

Trans e Cis

Eu me recuso a me apresentar como homem trans. Quando uso o termo homem trans, algo bem raro hoje em dia, é como estratégia. Quando falo em transição, é uma estratégia também, para jogar com a cartilha que se usa ao falar sobre pessoas trans hoje em dia. Sinto que não vivi uma transição, como se eu sempre tivesse sido a mesma pessoa. Demorei pra entender que quem sou não tem nome. Porventura, a gente é nomeado. No meu nascimento, fui nomeado de um jeito e no meu outro nascimento, recebi uma nova nomeação. Essas nomeações são presentes e estratégias de como a gente vai brincar com a vida e com o mundo.

Como estudante de filosofia, não espero que tudo esteja pronto, empacotado. Me vejo mais duvidando do que sendo assertivo. Sobre esta questão “cis” e “trans”, começamos a usar essas palavras para tentar falar sobre vidas que possuem certas condições. O “cis” surge como contraponto ao “trans”, assim como o “hétero” ao “homo”. Sempre alguém nomeando o outro e o marcando. Quando aqueles que são hiper marcados e perseguidos se fortalecem, exigem: você que me nomeou agora também vai ser nomeado. O termo “cis” surge nesse sentido. As pessoas que foram rotuladas como “trans” viraram e disseram: vocês também têm nome, cisgêneros. No grego, “cis” é o que está dentro de certas linhas, enquanto que “trans” é o que atravessa, que rompe os limites.

Temos falado muito em gênero, mas deixamos de falar em sexo. Ninguém fala em cissexual, mas fala-se muito em transexual. Então, podemos pensar nesta confluência de palavras: cissexual, cisgênero, transexual, transgênero. Gênero e Sexo são palavras que tentam cercar realidades muito plurais e escorregadias. Palavras como “cadeira” são mais fáceis de compreender o que indicam, mas gênero ou saudade, por exemplo, são mais difíceis. Tentar cercar certas realidades com palavras pode ser um truque perigoso: a gente pode acabar perdendo a riqueza e a pluralidade das experiências.

Quando pedem que pessoas trans falem, é isto que se espera delas: os rótulos. Esperam que a gente tenha nomes e conte histórias de nomes e, às vezes, a gente não tem. Por exemplo, tem a famosa autobiografia A Queda para o Alto, dos anos 80, de uma pessoa que se chamou Anderson Herzer, cujo nome de registro era outro. Ninguém atribuiu masculinidade à pessoa que escreveu esse livro, mas o livro é cheio de masculinidades. Nele não existe o nome transexual. Em contraponto, Erro de Pessoa, de João W. Nery, lançado dois anos depois, possui o nome transexual já na capa. Mas as vivências de gênero de Herzer são muito marcadas pelo o que os nossos olhos vêem como uma vivência trans. Ainda assim, não posso chamá-lo de trans, porque ele não se chamou. É um cuidado que preciso tomar para não me referir a alguém de uma maneira que ela própria não se nomeou. Como as pessoas sempre esperam que tenhamos nomes, caímos em erros constantemente e acabamos não ouvindo aquilo que as pessoas estão dizendo, expressando ou, então, silenciando.

Performance *Cabo de Guerra*, apresentada na III Semana da Diversidade da Universidade Federal de Ouro Preto (MG), 2017. (Foto: Divulgação)

86

Eu não posso falar sobre um mundo trans/cis e todas as suas experiências e vivências, pois realmente, não pesquisei o bastante para pensar nesse conceito de mundo, e eu penso muito no jeito como eu falo. Mundo é um conceito importante para um filósofo austríaco chamado Wittgenstein, por exemplo, que refletiu em seu primeiro livro sobre limites da fala. Ele propôs que não era possível falar sobre certas coisas, era preciso silenciá-las. Isso tem me feito refletir muito sobre a questão do gênero. Sobre o que é possível falar?

Não consigo falar sobre algumas vivências de gênero. Não tem como dar nome, mas existe sempre uma expectativa do outro (seja o de fora ou o de dentro) de nomear essas experiências. No entanto, eu lido de outra forma, mais poética e menos nominativa e, principalmente, a partir do respeito e da vontade de ouvir o outro. Um dos perigos que existe na hiper nomeação é a falta do escutar. Olhamos o outro já na ânsia de rotular. Certa vez, aqui no sebo, eu fui

interpelado por um senhor dessa forma: “o que é isso?”. Me marcou profundamente entender que ao ser questionado dessa maneira, eu não era um sujeito ou qualquer coisa próxima de humanidade. Eu era uma coisa. “O que é isso?” é o lugar do objeto. Sinto uma grande falta de respeito na ansiedade por nomeação, e isso acontece tanto nos círculos da vida como nos das militâncias, espaço do qual não faço mais parte. Saí da militância ao perceber exigências de modelos de conduta, ansiedades e obrigatoriedades nas nomeações de si e dos outros.

Caio surge

O Caio surge ao conhecer outras pessoas com vivências parecidas com as minhas. Mesmo sem nenhuma consciência do que fosse gênero ou da existência de pessoas travestis ou trans. Travesti era um tipo de xingamento que eu sabia que existia, porque ouvia através de colegas de escola. Em 2014,



Ensaio performático *Ser desperto*, Belo Horizonte (MG), 2018. Foto: Lucas Ávila.

87

vivências e reflexões, surgiu o nome Caio, de uma forma muito mais mágica do que racional. Estava lavando louça, conversando comigo mesmo, dentro da minha cabeça, e no meio da conversa, eu me peguei falando: “não é, Caio?”. Mas quem é Caio? Pra tentar entender, escrevi um micro conto sobre esse nome. Entendi que Caio é a queda e levei isso pra performance – queda, Caio, corpo. Passei um bom tempo experimentando o que seria a construção de um gênero, até descobrir que não tem construção nenhuma ou tem todas e tudo é mais líquido do que equacionalizável.

Gênero é um assunto complexo. Acho que a didática e a educação sobre gênero não podem ser óbvias. Para a educação existir, não precisamos de um mestre, mas de pessoas interessadas. Zaratustra e Grotowski me ensinaram que para aprender é preciso abandonar a própria ideia de precisar de um mestre. Ouçamos os outros, mas abandonemos e caminhemos com as nossas próprias pernas. Nossa educação é estruturada através da repetição e da decoreba. Repetimos a tabuada do gênero: “Homem Trans”, “Mulher Trans”, “Travesti”, até o momento que tudo isso cai. Passei um bom tempo pensando no que seria gênero e me lembro de algo que uma amiga me falou na faculdade: “Gênero não está em lugar nenhum”.

conheci a primeira pessoa que virou pra mim e falou: “eu quero tirar os peitos, tomar uns hormônios”. E eu pensei: “tá enlouquecendo, né?”. Cinco meses depois, eu estava entrando nas minhas “piras”. Em 2015, quando estudava filosofia na USP, conheci as primeiras pessoas que se auto nomeavam trans, e convivendo com elas adquiri consciência de que eu poderia ser trans. No mesmo período, aconteceu o primeiro ENAHT – Encontro Nacional de Homens Trans na USP e trocar experiências com todas aquelas pessoas, foi incrível, mas ao mesmo tempo eu fiquei com muito medo de ver tanta mudança acontecendo dentro da minha consciência, e tão rápido. Me envolvendo mais e compreendendo tudo isto que estava se abrindo para mim, fui compreendendo a nomeação que me foi dada por um colega, de “trans não-binário”. Durante essas

Hoje em dia, quando falamos em gênero nos meios militantes, relacionamos muito à cultura, deixando de lado o cérebro, a neurociência e a constituição biológica. Como há uma pressão muito grande dos discursos biologizantes sobre o gênero, surge uma aversão à biologia nos discursos LGBT+ militantes. Em contracorrente, passei a ler sobre ciência e refletir como o gênero tem muito a ver com cérebro, com biologia, que não é só uma questão cultural. Sinto que o gênero está muito no lugar de um mistério, de uma experiência espiritual também.

Falar o Falo

A palavra falo é muito usada para nomear uma parte do corpo, genital, de órgão sexual. No entanto, quando se pesquisa, por exemplo, na literatura psicanalítica e nos textos do Lacan, tem uma outra dimensão no conceito de Falo. Pelo pouco que recordo, o Falo seria algo como um lugar de poder que se deseja possuir, alcançar, para o qual todos nós corremos em direção a, mas que ninguém alcança. Deseja-se o falo, mas não o possui. Na minha cabeça, o falo tem a ver com o verbo também, com a fala. Como se buscássemos um lugar de fala, que não possuímos. O que me faz pensar em como, atualmente, usa-se o FALO e a FALA como ideias de poder.

Lendo O que é lugar de fala, da Djamila Ribeiro, a gente observa que o lugar de fala não é um conceito de propriedade, mas um conceito que aponta para processos de silenciamento. Aponta para o lugar daquele que não pode falar, que é destituído de sua enunciação. Diferente do senso comum de que lugar de fala é um lugar de posse, de propriedade para falar. Estamos sempre caindo em discursos de poder, de propriedade; acho que deve ser uma marca da nossa sociedade. Recentemente, resumi o que penso sobre o conceito de lugar de fala nesses dois versinhos: “lugar de fal(t)a/ lugar de fal(h)a”.

Minhas vivências são diferentes das dos outros. Me nomear trans é uma estratégia em certos contextos, mas essa palavra não cabe como definição de quem sou. Ela é temporária e contextual. Por isso, acho que temos que tomar cuidado ao nomear. O lugar de fala tem a ver com a escuta. Sem o respeito ao outro, mesmo sem conhecê-lo, não tem como haver escuta ou fala. Combater processos históricos de silenciamento, viver com a diversidade das pessoas de maneira respeitosa, exige de nós uma disposição para ouvir. A gente ouve com o coração também. Talvez, como a Jota Mombaça aponta em diálogo com o artigo de Spivak, o subalterno realmente fale, mas sua voz não é escutada. Os processos do poder e do autoritarismo parecem estar ligados à falta da escuta. Percebi essa lacuna na militância também. O jeito militante de lidar com as pessoas, com o falo e com a fala, me parece muito quadrado, duro, autoritário. Acho que seria importante repensar a fala e o falo. **8=D**





Lucca Alves

20 anos, não-binário, não sou nem trans nem cis, sou uma coisa no meio e ao mesmo tempo sem ser no meio de nada. As pessoas sempre me perguntam o que é ser não-binário e eu digo que, literalmente, é o meio e o nada. É você ser e não ser. Tem dias que acordo e me sinto totalmente feminina. Em outros, eu me vejo e odeio meus peitos. Eu quero ter uma coisa diferente. Não me sinto bem neste corpo. E tem ainda aqueles que acordo e falo “ok, to aqui, to vivendo”.

O T de LGBTQIA+

As pessoas não-binárias estão no meio do Trans. A letra T da comunidade engloba tanto as pessoas trans como as não-binárias, ou seja, todas as pessoas que não são cis. Na bandeira trans que traz o rosa, o azul e o branco, sendo este último o que significa a falta de gênero, da bandeira não-binária.

Tratamento Hormonal (TH)

O TH para o não-binário é um pouco mais complicado que para uma pessoa trans. Na realidade, uma roleta russa, pois tem dias que quero ter peitos, colocar um sutiã e sair pela rua. Enquanto em outros, eu olho e falo: “eu quero tirar isso”. Não dá para se comprometer. Claro que existem pessoas não-binárias que tencionam mais para um lado. Tenho alguns amigos que não conseguem passar um dia sem o binder deles e que já estão se preparando o TH ou para a cirurgia. É algo muito da visão de cada um. Não dá para generalizar. É muito difícil encontrar pessoas não-binárias que tenham a mesma visão. É uma coisa incrível do mundo LGBT, porque cada um de nós tem uma parte que nos une: se cada um contar a sua história, vai ter um 1% dela que você vai se reconhecer. Todos nós temos histórias diferentes.

Particularmente, eu não pretendo fazer o TH, por uma série de questões, mas principalmente pelo que falei antes, observando minha disforia, minha não-binariedade, é complicado optar por um tratamento que mais adiante pode comprometer outras escolhas minhas. Assim, vou me adaptando ao binder, trabalhando a entonação da minha voz, mantendo o cabelo curto.

Antigamente, o tratamento era buscado, pois tinha o pensamento de que para ser isto precisava daquilo, por exemplo, que para ser uma mulher trans, precisava tirar o pênis. Mas isto tudo está mudando. Hoje, uma pessoa trans já não se sente obrigada a determinadas regras. Ela escolhe se quer ter ou não vagina ou pênis. Não é isto que a define. Se no futuro, optar por tirar o peito ou colocar um pênis, por exemplo, será uma escolha totalmente voltada para mim e não para o que a sociedade determina. A própria retirada pela OMS da transexualidade da CID como uma doença contribuiu para quebrar estas concepções. Não se precisa fazer todo um tratamento para se considerar o que deseja ser.

O falo que não está lá

Quando me olho no espelho e estou com muita disforia, eu vejo meu rosto e o vejo bem masculino, mesmo quando os outros me dizem que tenho um rosto fofo e/ou feminino. É terrível. De fato, o corpo, o que está por baixo, é o mais desconfortante. O que vejo na minha mente não é o que vejo ao vivo. Várias vezes, eu não consigo ser tão masculina e quem eu quero ser porque eu não tenho isto.

Desconstrução do falo

Desconstruir esta ideia de que o falo está diretamente relacionado ao um órgão da anatomia masculina não é fácil, mas ainda assim sinto que já há uma mudança. Até mesmo a relação do corpo nu como objeto sexual. A própria Falo Magazine está contribuindo nesta mudança de mentalidade, de retirar o falo deste espaço do pênis. As pessoas estão começando a entender que o corpo é apenas uma parte do que somos. Que masculinidades e feminilidades estão mais relacionados com o nosso interno do que o corpo que apresentamos ou com um órgão genital.

As primeiras descobertas

Olhando para o meu passado, com certeza, minha relação com a minha própria identidade começou bem antes de eu perceber qualquer coisa. Me lembro de quando meus peitos começaram a crescer e as pessoas falavam para eu andar mais ereta para eles se destacarem mais e mostrar que eu já estava virando uma mocinha e eu fazia exatamente o oposto. Me curvava para escondê-los, pois não me sentia confortável com aquilo. Mas até então,

não era uma identificação direta com questões de gênero. Isto veio depois quando comecei a fazer cosplay e representar personagens do Harry Potter entre outros e quando fazia maquiagem de barba, um rosto mais masculino e eu olhava para o espelho e não queria tirar aquela maquiagem. Sentia que se o fizesse, eu estaria excluindo uma parte de mim. Foi também no mundo do cosplay que conheci várias outras pessoas que não se identificavam na binariedade e comecei a descobrir o que era ser não-binário e a me identificar mais. Tanto que a primeira coisa com quem me identifiquei foi como DemiGirl, pois era o que eu me sentia mais confortável na época até quebrar toda a barreira e falei: “eu não sou nem feminino nem masculino” ou como minha mãe sempre brinca: “eu sou uma batata” (risos).

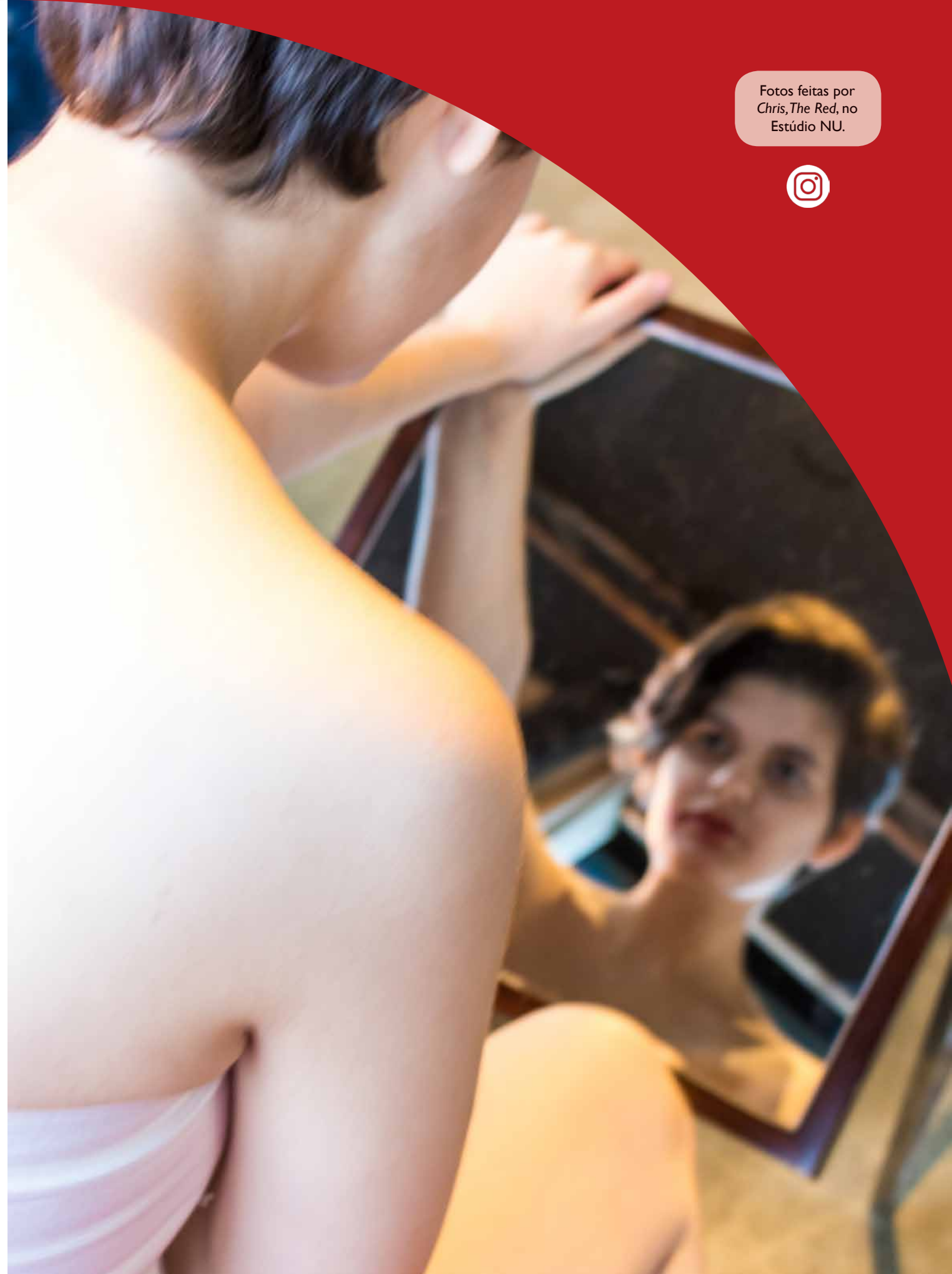
Ter o apoio da família

(na entrevista com o Lucca, a mãe, a Juliana, estava presente e aproveitamos para conversar sobre a diferença de ter o apoio da família)

É muito bom ter o apoio. Tenho vários amigos que foram expulsos de casa. Então, o apoio é fundamental. Muitas vezes, nem eu estou entendendo o que estou passando, com muita disforia, e ela fala: “respira”. Ela começa a me chamar só com pronomes masculinos, ao invés de misturar, pede para eu colocar o binder. Diz que é melhor não ir na escola, vamos a barbearia, cortar o cabelo. Ela me ajuda muito nisso. Tem momentos que ela fala algo que não se encaixa, mas ela está aprendendo. O que é normal, pois estamos em constante estado de aprendizado e ter uma pessoa te apoiando sempre é maravilhoso e primordial.

Me lembro quando me assumi para ela como não-binário e ela respondeu: “ok, então, pega a sua ele bunda e vai fazer um café para mim”. Se referindo ao fato de que para não-binários, buscamos não utilizar os pronomes “a” ou “o”, mas o “e”: bonita, bonito, bonite.

Fotos feitas por
Chris, The Red, no
Estúdio NU.



Lucca/Malu

Desde pequena, eu sempre tive estes dois apelidos, Lucca e Malu. Hoje em dia, eu adoto mais o nome Lucca. A Malu se apresenta mais na internet, quando converso com pessoas de fora e para lá, não é um nome associado imediatamente com o feminino ou o masculino. Diferentemente no Brasil, que já é associado como um nome feminino. Então, prefiro usar o nome Lucca. E é engraçado, pois quando me apresento como Lucca, muitas pessoas falam: “então, você não é uma garota?”.

O Banheiro

O banheiro é sempre uma confusão. Em muitos lugares, é um espaço que contempla apenas a binariedade social. Quantas vezes já aconteceu de eu perguntar para alguém onde é o banheiro e a pessoa me mandar para o feminino e quando entro no masculino, a pessoa fala que ali não é o banheiro “certo”. A sociedade tem um grande estigma onde o homem tem que estar e onde a mulher tem que estar. Na escola tem muito isto, dos professores e diretores acreditarem que deixar uma pessoa trans ir ao banheiro que se identifica é um perigo para as pessoas cis. Quando na realidade, é o contrário. Por exemplo, uma menina trans que é obrigada a usar o banheiro masculino está correndo muito mais perigo. Ela pode sofrer bullying, transfobia. O correto seria a escolas entenderem que banheiro é apenas um espaço para o ser humano realizar as suas necessidades e que essa imposição binária precisa acabar, mas até lá uma coisa que tenho feito é usar o banheiro para cadeirante.

Deseja ser...

Uma coisa que observamos muito em filmes, séries, livros, artigos e que entrega de imediato que foi feito por uma pessoa cis que não preocupou-se em ler ou conversar com uma pessoa trans antes é quando se depara com coisas do tipo “João desejava ser uma mulher”, “Ela queria ser um homem” e afins. É um erro colocar desta forma, como se o gênero fosse algo que se sonha ser, quando na realidade, o gênero já é. Não existe isto de tornar-se trans, não-binária etc.

Nasce como e aprende-se depois. 8=D



FALOCAMPSE é o nome que se dá à curvatura do pênis, quando em ereção. A coluna leva esse nome na ideia de trazer assuntos que tangenciam a nudez masculina na Arte.

Trepar. Relar. Fuder. Meter. Comer. Chupar. Linguar. Cunetar. Dedar. Morder. Lamber. Cuspir. Beber. Leitar. Esporrar. Socar. Enrrabar. Fistar. Arregaçar. Abrir. Fechar. Piscar. Penetrar. Beliscar. Gozar. Jorrar. Melar. Transar. Bater. Endurecer. Enfiar. Virar. Dar. Furunfar. Sarrar. Arretar. Roçar. Bulinar. Excitar. Despir. Ejacular. Inchar. Intumescer. Punhetar. Masturbar. Siriricar. Enrijecer. Empinar.

O que é o teu sexo? Que verbo te sexualiza? Te excita?

Sentir. Tocar. Olhar. Consentir. Apertar. Agarrar. Provocar. Brincar. Relaxar. Jogar. Trocar. Cheirar. Cutucar. Broxar. Dilatar. Descobrir. Perceber. Deflorar. Experimentar. Explorar.

Sexo se faz sozinho? Sexo é tesão? Arte é sexo? É o meu cu. Seu cu. Nossos cus. O Cu Democrático. Protesto do gozo. Empodere-me com seu jorro.

Tesão. Sensação. Pornografia. Desejo. Fé. Abra as pernas. Mostre o cu. Sinta o cheiro. Enfie o dedo. Vá fundo. Se penetre. Vire. Fique. Sente.

Sexo anda pelas paredes, pelos quartos, pelos cantos. Pelo íntimo, pelo público. E o tal do pecado? Energia.

Vamos trepar! Trepe na cama, na escada, na rua. Trepe. Energize. Exale. Naturalize. Potencialize a libido, o orgasmo. A vida.

Penetre com o dildo. Use velas. Leite condensado. Bata um bolo. Morangos são ótimos com calda de chocolate. Use a banheira. A vista da janela do sétimo andar. O espelho.

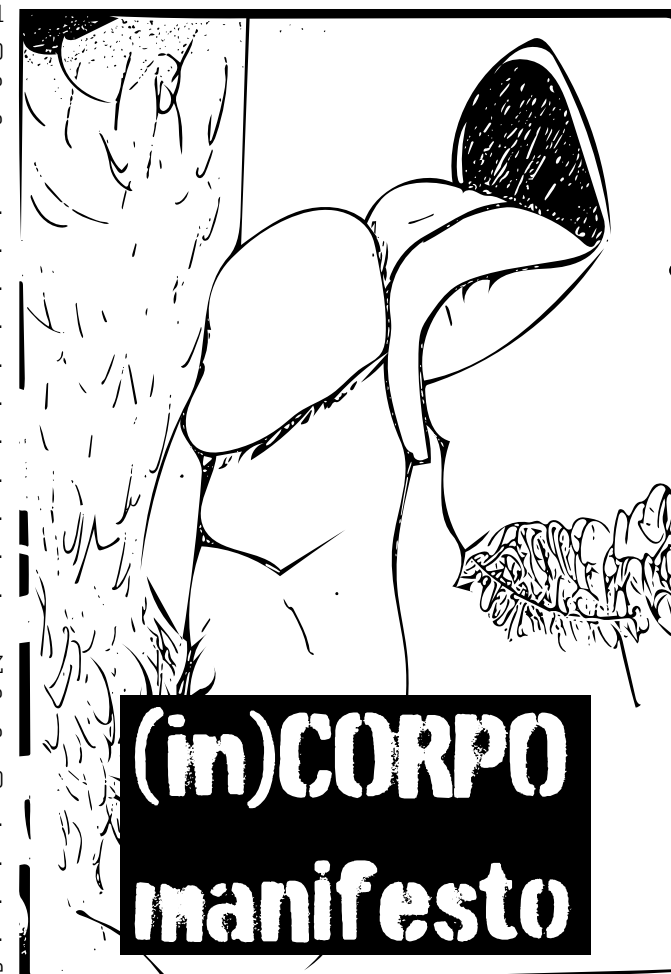
Use. Saia do básico, das caixas. Permita-se. Teu sexo é arte, é força. Teu sexo é parte do que você é, não o subestime ou o ignore. Faça. Todo dia. Trepada Nossa de cada dia. Santificado Seja o Teu Desejo. Sozinho, com um, dois, três, com quantos quiser. Esqueça a binariedade. Trepe com pessoas! Todos. Todas. Todes. Todxs.

Sexo é o princípio, o meio e o fim. É o cálice da vida. Foda-se o amor e

toda a romantização que transformou a nós todos em seres limitados e fechados ao gozo, a multiplicidade do orgasmo. Tornou-nos escravos de uma sociedade que nos amarra a seus [pre] conceitos. Questione. Redefina. Ressignifique.

Mas lembre-se: nem sempre é tesão.

Bruno Novadvorski & Chris, The Red



NOTA DO EDITOR

As respostas foram revisadas para manter a coerência do pensamento dos entrevistados em uma linguagem editorial.